

GEOLINGUÍSTICA: DESAFIOS DA METODOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

GEOLINGUISTICS: PLURIDIMENSIONAL METHODOLOGY CHALLENGES

Valeska Gracioso Carlos | [Lattes](#) | vgracioso@uol.com.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: Este trabalho apresenta algumas considerações metodológicas aplicadas em uma pesquisa de doutorado, que visou a descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, mais especificamente, no estado do Paraná e o departamento *del Alto Paraná*, e a consequente produção de cartas linguísticas de caráter contatual e topodinâmico da área investigada. Em termos metodológicos, seguindo os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, foram consideradas as oito dimensões propostas por Thun (1998), a saber: diatópica, diastrática, diassexual, diageracional, a diatópico-cinética, dialingual, diafásica e diarreferencial. A utilização dessas dimensões interfere diretamente na escolha da rede de pontos, na definição do perfil do informante, no tipo de questionário e, até mesmo, nos dados para a ficha do informante. Só foi possível considerar as oito dimensões devido ao tipo de trabalho proposto, à região que proporciona uma gama de diferentes contatos linguísticos e, sobretudo, às migrações no Oeste do Paraná e às imigrações ao Paraguai. A pesquisa buscou compreender o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, diante de dimensões de ordem linguística, espacial e social.

Palavras-chave: Dialetologia Pluridimensional; Topodinâmica; Línguas em Contato.

Abstract: This paper presents some methodological considerations applied in a doctorate degree research, which viewed the linguistics variety description of Portuguese language spoken in the border region between Brazil and Paraguay, more specifically, in Paraná State and the Department of *del Alto Paraná*, and the consequent production of contactual character and topodynamic linguistic maps from the investigated area. In methodological terms, following the Pluridimensional Dialectology, we considered the eight dimensions proposed by Thun (1998): diatopic, diastratic, diasexual, diagerational, diatopic-kinetic, dialingual, diaphasic and diareferencial. These dimensions usage interfere directly in the choice of the location, in the informant profile, the kind of questionnaire, and even in the informant data sheet. It was only possible to consider the eight dimensions due to the kind of proposed research, the region which provides a range of linguistic contacts and, above all, the migrations in the west of Paraná and the migrations to Paraguay. The study sought to understand the linguistic behavior, in its different varieties, in the face of dimensions of linguistic, space, and social order.

Keywords: Pluridimensional Dialectology; Topodynamics; Language Contact.

1 Introdução

Este artigo apresenta as questões metodológicas que embasaram nossa tese de doutorado (CARLOS, 2015), que teve como objetivo a descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, mais especificamente, no estado do Paraná e o departamento del Alto Paraná. A pesquisa está pautada pelos construtos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e apresentou como resultado a produção de cartas linguísticas de caráter contatual e topodinâmico.

A Dialetologia Pluridimensional, em seu escopo, combina a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Dessa forma, estuda o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, conforme as dimensões de ordem social e linguística. Abarca, também, outros fatos que pertencem a outras disciplinas como a Pragmática e a Psicolinguística (THUN, 1998).

Conforme Thun (1998), a Dialetologia Pluridimensional considera oito dimensões da variação linguística: dialingual (duas ou mais línguas em contato); diatópica (variação atribuída a distintas localidades); diastrática (diferentes estratificações sociais); diageracional (diferentes faixas etárias); diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres); diatópico-cinética (grupos sociais estáticos em comparação com a mobilidade de outros grupos sociais); diassexual (modo de falar de homens e mulheres); e diarreferencial (modo de falar do informante contrastado com a sua consciência linguística).

A respeito da Dialetologia Pluridimensional, o autor esclarece que:

[...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não comprehende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento lingüístico, e outros parâmetros mais. (THUN, 1998, p. 706).

Além disso, considera o parâmetro contatual na descrição da variação linguística, dada a importância de se considerar as línguas minoritárias, o bilinguismo e as condições em que realiza o contato linguístico.

Ainda, pondera em suas análises as alternâncias de estilos (dimensão diafásica) durante situações reais de interação social, por isso, normalmente, são selecionados três esti-

los de fala (THUN, 1999), a saber: a leitura (L), respostas às perguntas dos questionários (R) e a conversação livre ou dirigida (C). Durante a leitura, o informante está mais tenso e tem maior controle sobre sua fala; durante a realização do questionário, ele pode se sentir um pouco mais livre, mas ainda está muito atento às respostas; e, finalmente, durante a conversação livre ou dirigida pode até esquecer que está sendo entrevistado, assim, é nessa fase que se obtém o maior grau de espontaneidade.

Do mesmo modo, investiga o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com os dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço). Como dito anteriormente, os movimentos migratórios exigem nova metodologia de pesquisa, uma vez que deixa de existir o informante nascido na localidade e sem mobilidade. Diante disso, se não levarmos em conta o informante topodinâmico, como explicar o avanço ou o retrocesso de uma variante linguística em uma determinada área? A comparação entre informantes topodinâmicos e topostáticos também pode ser frutífera, pois é capaz de revelara a manutenção ou mudança de comportamento linguístico.

São características da Dialetologia Pluridimensional a utilização de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, como o método da sugestão e a pluralidade de informantes. O método da sugestão (*sugerencia*¹) busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Dessa forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerirmos. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalingüísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para variável a ser documentada. De acordo com Thun (1999, p. 483), “[...] com as sugestões procura-se registrar também os dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na cabeça do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva”.

A pluralidade de informantes durante a entrevista é outra técnica recorrente da Dialetologia Pluridimensional, cujo intuito é aumentar a representatividade dos dados. No entanto, ao realizar o inquérito com mais de um informante, estes devem apresentar perfis idênticos. Nesse sentido, podem ser apuradas as convergências e divergências nas respostas dos informantes, além de seus comentários metalingüísticos. Ainda que, na tese, não tenha sido utilizado esse recurso, sua utilização pode ser de extrema relevância.

¹ O termo *sugerencia* tem sido amplamente usado, ainda que não esteja presente nos dicionários de língua portuguesa. Oriundo da língua espanhola, significa sugestão. Optamos por esse termo em nosso trabalho, assim como Thun (1999).

2 Dimensão diatópica

A dimensão diatópica compreende os estudos voltados às diferenças dialetais distribuídas em áreas geográficas, isto é, em áreas espaciais. Sendo assim, é a base de todo e qualquer estudo dialetológico e geolinguístico, pois se parte de mapas para registrar a variedade linguística, num dado espaço geográfico. Conforme Cardoso (2010, p. 15),

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Desse modo, dentro desse espaço geográfico, que, segundo a autora, também é histórico e social, busca-se descrever e registrar a variação linguística dentro de uma própria língua, em contato com outras línguas ou mesmo com variedades da mesma língua. Essa realidade linguística é motivadora da escolha da região pesquisada: a fronteira do Brasil com o Paraguai, mais especificamente, a região oeste do estado do Paraná e o departamento de Alto Paraná.

Na definição final da rede de pontos foram consideradas quatro localidades, sendo duas do lado paraguaio e outras duas da parte brasileira. Assim, para a rede de pontos do lado Paraguai, considerando a presença de comunidades brasileiras, foram selecionadas as cidades de Santa Rosa del Monday, cujas correntes migratórias procedem do sul do Brasil, e San Alberto, que foi colonizada por migrações procedentes do norte.² Para o lado brasileiro, foram eleitas duas cidades do Paraná: Missal, colonizada por sulistas, e Terra Roxa, influenciada pela corrente nortista. Posto isso, a rede de pontos está representada no Quadro 1, que segue.

Quadro 1 – Rede de Pontos.

Ponto	Descrição do ponto
Ponto PY01	Terra Roxa – Paraná – Brasil
Ponto PY02	Missal – Paraná – Brasil
Ponto BR01	San Alberto – Alto Paraná – Paraguai
Ponto BR02	Santa Rosa del Monday – Alto Paraná – Paraguai

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

² Para este trabalho consideramos influências nortistas quaisquer influências advindas das outras regiões do Brasil que não sejam as da região sul do País.

3 Dimensão diastrática

A dimensão diastrática está relacionada às classes sociais, isto é, aos parâmetros educacionais, ocupacionais e econômicos do informante. Deste modo, tomamos como base para o estudo em tela o parâmetro educacional como essa dimensão, pois acreditamos que a escola tem função primordial na formação linguística do cidadão, já que atua como preservadora das formas de prestígio e é responsável pelo ensino-aprendizagem da língua padrão. Conforme Silva-Corvalán (1989, p. 79), “El sistema educacional crea consciencia lingüística entre niños y adolescentes mediante la enseñanza de reglas prescriptivas y la corrección abierta de rasgos lingüísticos de poco prestigio”.

A partir do exposto, foram considerados falantes alfabetizados que tiveram seus estudos completos até o Ensino Fundamental, os quais chamamos de **Cb** (classe baixa), contrapondo com informantes que tiveram o Ensino Superior completo, que chamamos de **Ca** (classe alta). Diante disso, buscamos apurar e contrastar as competências nas respostas de falantes com maior escolaridade com os de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que os informantes, filhos de brasileiros nascidos no Paraguai (brasiguaios) foram à escola paraguaia e receberam ensino em língua espanhola. Assim, podemos contrastar as respostas dos jovens brasileiros, que receberam educação no Brasil, e dos jovens brasiguaios, que tiveram educação no Paraguai, e, igualmente, verificar as semelhanças e diferenças.

4 Dimensão diassetual

A variável sexo é de fundamental importância no estudo dialetológico, pois sabemos que homens e mulheres, no decorrer da história, assumem papéis diferenciados numa dada sociedade e, consequentemente, falam de maneira distinta. Moreno Fernández (2008 [1998], p. 41) afirma que “El arcaísmo o innovación del habla de las mujeres no depende tanto del sexo cuanto del tipo de vida que se lleva en cada lugar”.

Ainda, acredita-se que as mulheres têm mais consciência dos valores que a comunidade faz dos usos da linguagem e, portanto, apoiam a língua padrão e as formas mais “corretas”. Corroboramos nosso pensamento com as palavras de Lopes Morález (1993, p. 125):

En el fondo, las diferencias lectales entre hombres y mujeres surgen de un conjunto definido de actitudes: son diferentes socialmente porque, aunque estemos lejos (al menos en las comunidades occidentales) de movernos dentro de límites fijos e inflexibles, son diferentes los patrones educativos y distintos los papeles asignados a ambos los sexos. (LOPES MORÁLEZ, 1993, p. 125):

Portanto, espera-se que o comportamento social das mulheres seja mais educado e “correto”, assim como sua fala deveria ser. Segundo Silva-Corvalán (1989), presume-se que o comportamento feminino seja mais cortês, mais indeciso e submisso, mais correto e ajustado à sociedade, enquanto que os homens podem romper regras e se comportarem de maneira rude, agressiva e, até, mais vulgar.

Por isso, deve se entender a variável sexo como dependente de outras variáveis, como idade, profissão, contatos e papéis sociais. Deste modo, considerou-se a opção por informantes dos dois sexos, ou seja, homens e mulheres, levando em conta, assim, a dimensão diassexual, pois a pesquisa pretendeu verificar se existem diferenças entre a fala de ambos os性os, além de apurar se a forma de prestígio tende ou não a predominar na fala feminina ou se elas são as precursoras da mudança linguística (LÓPEZ MORALES, 1993; MOLICA; BRAGA, 2003); LABOV 2008). A opção pelos dois sexos visou, ainda, verificar se as mulheres são mais suscetíveis a incorporar em sua fala as interinfluências de outras línguas em contato, ou se são conservadoras nesse sentido. Além disso, se é possível comparar a mulher jovem com aquela idosa e verificar se há variações devido ao papel social da mulher jovem na sociedade moderna. Ainda, se pode verificar se há uma neutralização do efeito da variável sexo nas faixas mais jovens da população, já que essa geração de mulheres pertence a uma rede social parecida com a dos homens da mesma geração.

5 Dimensão diageracional

A dimensão diageracional pode tornar visível a diacronia, pois reproduz a coexistência de duas gerações. A fala de jovens e idosos, segundo Altenhofen (2006, p. 176), “[...] aparece como uma espécie de história em miniatura ou um sinal de futuro”. Por isso, definimos duas faixas etárias para o informante: de 18 a 30 anos, que denominamos de **G1** (geração jovem), e de 50 a 65 anos, que chamamos de **GII** (geração dos idosos). Deixamos uma lacuna quanto à faixa etária intermediária, pois essa relevância reside no fato de favorecer a identificação de possíveis inovações entre as gerações mais jovens e de conservadorismo entre os mais idosos (SILVA-CORVALÁN, 1989; LÓPEZ MORALES, 1993; LABOV, 2008).

Ainda, acredita-se que a depois de certa idade, aproximadamente até os 30 anos, as características linguísticas do indivíduo já estão sedimentadas. Para López Morales (1993, p. 113), “Cada generación exhibe la norma adquirida durante su adolescencia y primera juventud”. À vista disso, justificamos a exclusão da faixa intermediária. Ademais, três faixas etárias aumentariam consideravelmente a quantidade de dados, dificultando a execução da pesquisa conforme nossos objetivos.

Com relação aos informantes pertencentes ao **GII**, tivemos certa dificuldade em encontrá-los nas cidades paraguaias que tivessem terminado o Ensino Superior. Isso se explica à medida que esses imigrantes quando deixaram suas terras no Brasil, como também deixaram a escola. Logo, a solução foi a diminuição da faixa etária em dois casos: a mulher, **GII, Ca** de San Alberto (44 anos); e o homem, **GII, Ca** de Santa Rosa del Monday (43 anos). Justificamos essa escolha com as palavras de Radke e Thun (1996, p. 42),

É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado.

Acreditamos que o rigor científico deva ser respeitado, portanto, registramos esse fato na metodologia, assim como na análise dos dados.

6 Dimensão diatópico-cinética

A busca por informantes sedentários para o Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU) fez com que Thun (1996) e seus colaboradores repensassem a metodologia aplicada por eles até então. Assim sendo, o autor separou os informantes em duas categorias, agrupando os relativamente móveis na categoria topostática e os muito móveis na categoria topodinâmica. Assim, ele se justifica:

Para una visión realista del Uruguay moderno, nos parecía fundamental registrar y comparar el comportamiento lingüístico de ambos grupos, y así nació el otro parámetro del atlas: el topodinámico. El parámetro diatópico se dividió en topostático y topodinámico. (THUN, 1996, p. 221).

A experiência na coleta de dados revelada por Thun (1996), apenas remete a realidade social dos dias atuais, que, em busca de melhorias, migram, e com elas ocorre o contato linguístico intervarietal, em outras palavras, o contato entre duas variedades da mesma língua.

Outro dado relevante levantado pelo autor no que se refere ao informante não sedentário, é o fato de que, como dito anteriormente, depois de certa idade, as características linguísticas da fala do indivíduo já estão sedimentadas e apresentam mais dificuldade em assimilar a variedade da nova localidade: “[...] la acomodación lingüística a los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tiempo para sedimentarse y después de algunos

años no avanza más, según parece” (THUN, 1996, p. 212).

Considerando a abundância dos movimentos migratórios na região de fronteira foram selecionados, no Paraguai, os informantes da segunda faixa etária, ou seja, os mais idosos (**GII**), sendo nascidos no Brasil, mas tendo vivido pelo menos metade da vida no Paraguai, e os informantes da primeira faixa etária, isto é, os mais jovens (**GI**), sendo filhos desses imigrantes brasileiros, mas já nascidos no Paraguai. Do lado brasileiro, os informantes idosos (**GII**) tampouco são nascidos na localidade, no entanto, viveram pelo menos metade da vida ali, enquanto os mais jovens (**GI**) são nascidos na localidade e praticamente passaram a maior parte da vida nela. Desse modo, podemos comparar a fala de grupos móveis (**GII**) com grupos relativamente estáveis (**GI**).

7 Dimensão dialingual

Devido à peculiaridade da região analisada, não poderíamos deixar de mencionar a importância dos contatos linguísticos, resultantes do povoamento de imigrantes gaúchos no Oeste do Paraná e do contato com a fronteira paraguaia. Assim sendo, interessou-nos o contato linguístico entre variedades da língua portuguesa e o dessas variedades com a variedade do espanhol e do guarani falados na região de fronteira do Paraguai. Não considerar essas questões de contato linguístico seria ignorar ou falsear a realidade linguística da região. Ademais, como foi mencionado, a mobilidade populacional resultante da modernidade facilita esse contato. Conforme Radke e Thun (1996, p. 41), “[...] o fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros”.

A abundância dessas migrações, sejam elas diárias (devido ao trabalho) ou não, pode resultar na variação e mudança linguística, além do bilinguismo.

Para averiguar como ocorrem essas interinfluências linguísticas, pensou-se em um questionário que contrastasse a fonética, a semântica, o léxico, a estrutura sintático-morfológica da variedade sulista (influências vindas do sul do Brasil) e aquela nortista (demais regiões do Brasil). Do mesmo modo, aplicamos a técnica da sugestão a partir dessas variantes previamente estabelecidas. Com relação às outras línguas, espanhol e guarani, no questionário semântico-lexical, após a resposta dada em português, pedíamos as referências léxicas castelhanas e guaranis.

Ainda, nas cidades paraguaias, entrevistamos, em língua portuguesa, paraguaios, homens e mulheres, da primeira faixa etária (**GI**), com os dois níveis de escolaridade (**Ca**

e **Cb**), com o intuito de verificar e descrever qual variante da língua portuguesa é falada por eles diante das dimensões diassexual, diageracional e diastrática.

8 Dimensão diafásica

A dimensão diafásica está relacionada ao uso que se faz da língua durante o momento de interação social. Dependendo do contexto, das pessoas e do momento em que se realiza a interação, o indivíduo seleciona os registros, ou seja, elege sua postura linguística diante da situação de comunicação.

Nesse sentido, comprehende-se três estágios com diferentes níveis de espontaneidade, a saber: leitura (L), resposta às perguntas do questionário (R) e conversa livre ou dirigida (C). A leitura a partir da parábola do filho pródigo, texto já utilizado pela dialetologia romântica desde 1897, na França (Cardoso, 2006). Esse estágio representa o estilo menos espontâneo e de controle, o qual pode vir a ser a reprodução do estilo aprendido na escola e, portanto, sendo um indício de uma possível mudança linguística (THUN, 1999). As respostas aos questionários também apresentam um caráter de monitoramento por parte do informante, pois se sente intimidado ao não saber uma resposta. No entanto, as respostas ganham uma característica metalinguística quando o informante se volta ao inquiridor para assegurar o acerto da questão: “é isso, não é?”. A conversação é mais livre, podendo o informante até esquecer a situação de entrevista e falar espontaneamente.

Ainda que se possa descrever a variação diafásica dos informantes, essa é uma tarefa muito delicada. Normalmente, os inquiridores não pertencem à comunidade linguística a qual estão pesquisando, então, apresentam uma variação linguística diferente da localidade, podendo interferir na fala do informante. A situação da entrevista, por mais que tentemos que o informante se sinta à vontade, não deixa de ser uma situação de formalidade. Os inquiridores, em quase sua totalidade, são pesquisadores, isto é, vem de uma universidade, o que leva à intimidação dos informantes. Por essas razões, concordamos que “[...] a descrição a variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para se convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolinguística” (RADTKE; THUN, 1996, p. 40).

Na verdade, o papel do inquiridor é de fundamental importância na coleta de dados, pois se ele quer documentar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, deve “[...] tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade” (TARALLO, 2007, p. 21). Assim, ele poderá conseguir a tão esperada situação natural de comunicação.

9 Rimensão diarreferencial

A dimensão diarreferencial está relacionada à capacidade que o informante tem em avaliar sua língua e a do outro, como também a existência de uma consciência linguística quanto à variedade linguística usada por ele. Desse modo, utilizamos um questionário de Atitudes Linguísticas, no qual o informante responde a perguntas diretas. Ainda, durante o Questionário Semântico-Lexical utilizamos a técnica de entrevista em três tempos (THUN, 1999): perguntar, sugerir e insistir. Essa técnica permite, além de documentar a resposta espontânea, registrar os comentários metalingüísticos sobre o conhecimento de certa variante, os quais, conforme Thun (1995, p. 11), “Son indicadores importantes de hechos como la integración de extranjerismos, la arquitectura de una lengua histórica o conflictos sociolingüísticos”.

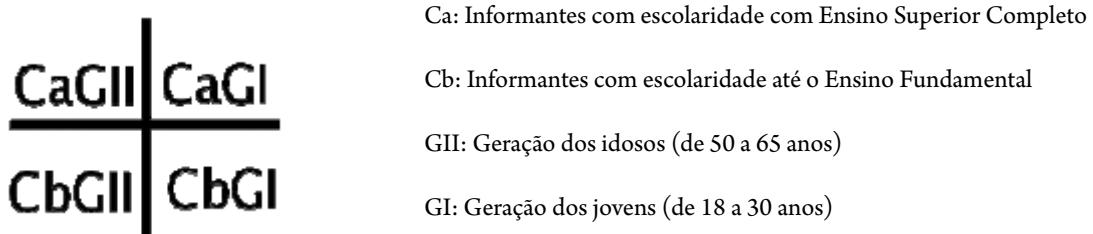
A postura do informante com respeito à língua muito nos tem a dizer com relação a variedades linguísticas, sendo elas estigmatizadas ou não.

10 Representação dos dados

A sistematização dessa macroanálise se concretizou por meio da representação de uma célula em forma de cruz para cada ponto, na qual os dados foram cartografados, com a devida indicação das diferentes dimensões selecionadas para a pesquisa. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos pesquisados por ponto. Na parte superior da linha horizontal, posicionam-se os informantes que terminaram o Ensino Superior (**Ca**) e, na parte inferior, informantes alfabetizados, que estudaram no máximo até Ensino Fundamental (**Cb**); à esquerda da linha vertical, situam-se os mais idosos (50 a 65 anos, **GII**) e, à direita, os mais jovens (18 a 30 anos, **GI**).

Dessa maneira, com o intuito de contemplar a dimensão diassexual, teremos para cada localidade uma cruz para os informantes do sexo masculino e outra para os informantes do sexo feminino. Utilizamos para diferenciar homens e mulheres as letras **H** para homem e **M** para mulher, por exemplo, a representação da mulher idosa de ensino fundamental seria: **MCbGII**. Os informantes paraguaios são representados com uma **p**, assim, representamos o jovem com ensino superior: **HCaGIp**. Cabe aqui recordar que entrevistamos paraguaios, filhos de paraguaios, homens e mulheres, com duas escolaridades, apenas da geração jovem. A Figura 1 a seguir demonstra a sistematização da cruz.

Figura 1 – Sistematização por meio de cruz – pluridimensional.

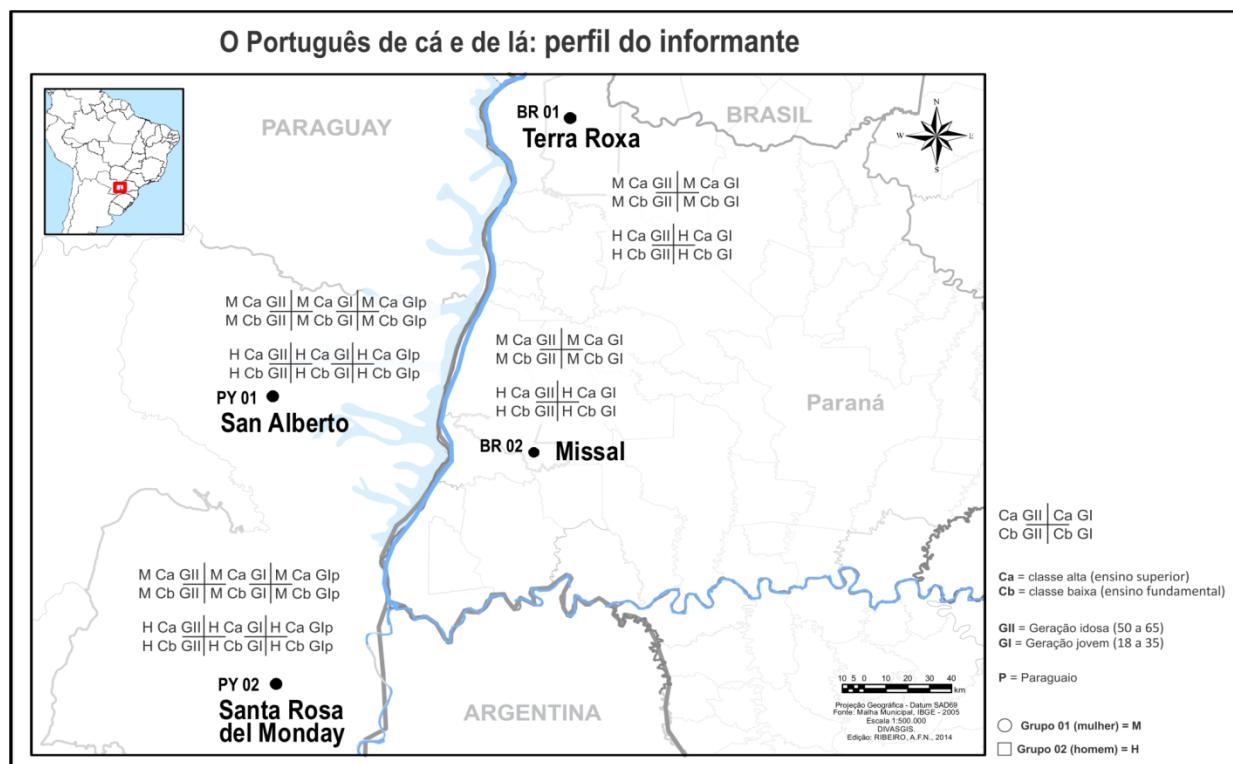


Fonte: Carlos (2015) com base em Thun (2008).

As dimensões diafásica e diarreferencial são, normalmente, cartografadas separadamente e analisadas de forma qualitativa e quantitativa. No entanto, esclarecemos que para a tese (CARLOS, 2015) não utilizamos esses dados.

Para melhor compreensão e visualização da metodologia utilizada, apresentamos, a seguir, a carta³ que demonstra as quatro localidades investigadas, assim como o perfil dos informantes, num total de 40 entrevistados, oito para cada localidade brasileira e 12 para cada paraguaia (Figura 2).

Figura 2 – Rede de pontos e perfil dos informantes.



Fonte: Carlos (2015).

³ A carta aqui apresentada equivale a Figura 14 - Carta II – Perfil dos informantes, da tese, no entanto, para este artigo, será utilizada para representar a rede de pontos, além do perfil dos informantes.

Ainda, com relação ao perfil dos informantes, julgamos necessário apresentar o local de origem de seus familiares e as línguas que afirmaram falar. Essas informações foram obtidas para o preenchimento da ficha do informante, contudo, não podemos precisar a veracidade dessas informações, uma vez que nos foi dada de acordo com o conhecimento e a perspectiva que cada informante tem de si, do seu *background* e de sua competência comunicativa em diferentes línguas. Essas informações são primordiais para nos auxiliar na análise de dados.

11 Desafios

A Pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os cruzamentos que se pode e deve fazer entre uma e outra dimensão, pois procura:

[...] analisar e comparar **adicionalmente** entre um ponto e outro (dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual), de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional), pertencentes a estratos sociais distintos (dimensão diastrática) e falantes de uma ou mais línguas (dimensão dialingual), com competência metalingüística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial), conforme sua posição social e a sua competência para empregar mais de um estilo da fala, conforme a situação (dimensão diafásica). (ALTENHOFEN, 2006, p. 137, grifo nosso).

Entretanto, ao aumentar a quantidade de dados, também aumentamos o poder explanatório da pesquisa e, consequentemente, permitimos uma visão mais detalhada da variação linguística na área investigada. Assim, a solução foi reduzir a quantidade de localidades e o número de perguntas nos questionários. Em um primeiro momento, contávamos com 12 localidades, que, a partir do modelo cartográfico proposto, foram reduzidas a apenas quatro e no que diz respeito ao questionário linguístico foram suprimidas 28 questões.

Vale ressaltar que todo trabalho, que resulta em atlas linguístico ou cartas linguísticas, não é um fim em si mesmo, muito ao contrário. Cardoso e Ferreira (1994, p. 20), demonstra-nos claramente essa afirmação citando o dialetólogo Manuel Alvar: “As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido”.

De fato, realizar um trabalho dialetológico exige coragem, tempo, disponibilidade, recursos financeiros para viagens, transcrições e elaboração de mapas linguísticos. Todavia, conhecer as realidades culturais e linguísticas diferentes da nossa é uma realização pessoal imensurável.

Referências

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.
- ALVAR, Manuel. *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996.
- CARDOSO, Susana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARLOS, Valeska Gracioso. *O português de aqui e além fronteira: um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contextos de fronteira*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008[1998].
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolinguística*. Madrid: Gredos, 1993.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la Geolingüística Románica: Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). *Dialectología Pluridimensional Románica*. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1996. p. 26-49.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolinguística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THUN, Harald. La pluridimensionalidad del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: *Congreso Del español de Américas*. Bruxelas: 1995. p. 1-35.
- THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica: los montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR, 1. 1999, Ponta Delgada. *Anais...* Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.



Data de submissão: 19/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021